

## **A diversidade da paisagem: tentativas de renovação do conceito em meados do século XX.**

Breno Viotto Pedrosa  
Universidade de São Paulo  
[brenoviotto@hotmail.com](mailto:brenoviotto@hotmail.com)

O presente trabalho tem o objetivo de sinteticamente comparar as concepções de paisagem de quatro geógrafos. Através da exposição de alguns aspectos de suas obras poderemos perceber as relações e oposições entre esses geógrafos. Escolhemos da geografia norte-americana Sauer e Hartshorne e da geografia francesa Max. Sorre e Pierre Monbeig.

Esses pensadores da geografia produziram suas obras e participaram dos debates da disciplina de maneira mais ou menos contemporânea. Um dos pontos em comum de todas as obras, e que tem que a ver com o contexto da geografia em escala mundial, é a ascensão da nova geografia pautada nas idéias neopositivistas. Entre os quatro geógrafos selecionados, é um consenso que a geografia não deveria se pautar somente nos números e que a experiência empírica e apreciações qualitativas são essenciais para se fazer uma geografia de boa qualidade.

Sendo assim, Sauer, Hartshorne, Sorre e Monbeig dialogam e pensam sobre a nova geografia, mas todos eles ficam à parte desse movimento. Eles como outros geógrafos de seu tempo, optaram por tentar remodelar seu arcabouço teórico metodológico e adaptá-los para as novas demandas após drásticas transformações no contexto mundial – avanço das telecomunicações, demanda pelo planejamento, emergência da questão ambiental, entre outros. Tendo isso em vista, iremos verificar para esses geógrafos quais foram as idéias acerca do conceito paisagem e verificaremos que vários elementos foram agregados em função da demanda por uma geografia que se focasse no movimento e que conseguisse apreender as profundas modificações sociais.

### **Sauer e a Paisagem Natural/Cultural**

Sobre o objeto e o método da geografia de Sauer, pode-se dizer que ele está centrado em uma óptica fenomenológica da ciência. Cada campo da ciência é caracterizado por um fenômeno que lhe é próprio e só há avanço quando se consegue

delimitá-lo, identificar suas qualidades e detectar suas relações com clareza. A ciência torna-se importante a partir do momento que relaciona seus fenômenos e lhes confere uma ordem. Essa visão, reforça a idéia que são necessárias leis e que a geografia deve ser acima de tudo uma ciência nomotética (SAUER, 1963, p. 315-316). No entanto, apesar de insistir em um rigor científico, Sauer pensa que ele deve ser deixado de lado se em algum momento for atrapalhar o desenvolvimento da geografia.

Cada fenômeno então constitui uma “seção da realidade” a ser estudado. No caso da geografia é a própria a realidade em si, ou seja, o campo de estudos da geografia é a existência. Entretanto Sauer nos coloca que tal objetivo é muito vago e após apresentar algumas concepções clássicas de estudos da geografia, opta por seguir Hettner e adotar a concepção de geografia como diferenciação de áreas (SAUER, 1963, p. 315-320). Para Sauer paisagem é tratada como área, daí vem sua importância. E sua escolha pelo termo paisagem ao invés de lugar, se deve ao fato de que a paisagem ressalta as inter-relações espaciais e entre os objetos concretos, segundo sua opinião.

Sendo assim, no que diz respeito à concepção de paisagem de Sauer, pode-se dizer que uma das suas raízes se encontra na obra de Schlüter que indica a paisagem como um objeto, que deve ser analisado com objetividade. Schlüter confere à paisagem uma ênfase nas diversas relações do que é observado. Com efeito, esse autor não só chamou atenção para o caráter relacional da paisagem, como também cunhou os termos paisagem cultural e paisagem natural, o que dividiu a análise geográfica em duas dimensões distintas. Além de Schlüter podemos citar Passarge, outro geógrafo alemão, que certamente teve importância na formação da concepção de geografia de Sauer.

De outro lado, a grande inspiração que fez pensar criticamente os avanços feitos por Schlüter foram às contribuições de Goethe e do romantismo alemão, com a análise dos elementos morfológicos (SAUER, 1963, p. 327-336). Foi a morfologia que deu elementos para se pensar metodologicamente a análise das paisagens criando noções e conceitos que permitiriam uma certa sistematização do que foi observado, bem como a comparação e a generalização de certos elementos. Nas análises empíricas realizadas em diversos trabalhos de campo, não é possível, para Sauer, uma descrição neutra da paisagem, ela é sempre permeada de valores culturais.

Para abordarmos todos os elementos propostos por Sauer, devemos seguir alguns procedimentos propostos por seu método. O primeiro passo do método morfológico é a descrição sistemática, observando os fatos, por uma ordem pré-

determinada que será capaz de representar uma aproximação preliminar do sítio (SAUER, 1963, p. 345-350). Portanto, o referencial de seu estudo das paisagens, é uma observação sistemática dos fenômenos que a compõe. A sua classificação não é genérica, mas é baseada em formas genéricas (SAUER, 1963, p. 345-350). Deve-se então observar os elementos naturais da paisagem, reconstituindo-a e posteriormente a ação do homem. Assim temos como decifrar o ambiente que foi modificado e onde determinada cultura se estabeleceu.

O objetivo de Sauer ao trabalhar com a paisagem natural/cultural é superar o dualismo existente entre a ciência natural e a diferenciação de áreas, ou a lacuna existente entre os geógrafos que estudam a natureza e os que estudam os fatos sociais. Devido ao caráter observacional da geografia e do conceito de paisagem, deve haver toda uma preocupação em realizar trabalhos de campo, e mais do que isso, treinar o olhar e a capacidade de descrição dos novos geógrafos para se tornarem atentos aos interesses e temas da geografia.

Sendo assim sua definição de paisagem é: *“O termo ‘paisagem’ é proposto para denotar a unidade da geografia, para caracterizar a peculiaridade geográfica e a associação dos fatos”* (SAUER, 1963, p. 321). E ainda acrescenta: *“A tarefa da geografia é concebida como o estabelecimento de um sistema crítico que engloba a fenomenologia da paisagem, com o fim de abarcar em todas as paisagens a significância e cor da variada cena terrestre”* (SAUER, 1963, p. 320). O elemento tempo está presente na associação dos fatos geográficos. Entretanto esta relação temporal é complexa e não deve ser tratada de forma simples pelo geógrafo (SAUER, 1963, p. 321-322).

Assim uma área (ou paisagem) tem forma, estrutura, função e posição em um sistema e esse é o tema do desenvolvimento, mudança e conclusão dos trabalhos de geografia. Sem essa visão da realidade, só existem especialidades e não uma geografia preocupada com o todo, como situação verificada em um conjunto espacial.

Porém quem determina as variáveis e os elementos a serem analisados nessa tipologia da paisagem é o pesquisador, pautado em suas necessidades de pesquisa. Tal fato lhe garante certa liberdade de escolha e de observação na investigação empírica (SAUER, 1963, p. 322-324). Apesar disso, Sauer nunca perde de vista o homem, pois a *“geografia é baseada na realidade da união dos elementos físico e cultural da paisagem”* (SAUER, 1963, p. 325).

A cultura, portanto, se instala desenvolve a paisagem, passa por fases e termina seu ciclo de desenvolvimento. Com a inserção de uma cultura de fora, há uma renovação, e uma nova paisagem se sobrepõe sobre a antiga. A força transformadora vem da cultura em si. Portanto, dentro de seu esquema teórico, o conceito de paisagem garante uma unidade, focando principalmente nos seguintes temas: 1. reconstrução de forças ambientais e humanas que formam a paisagem; 2. a identificação de regiões culturais distintas e homogêneas definidas por artefatos materiais e não materiais como linguagem, religião; 3. no estudo da ecologia cultural onde a atenção é concentrada nas percepções humanas e nos processos em que os usos da paisagem são culturalmente condicionados (MCDOWELL, 1996, p. 162). Cria-se, portanto uma nítida distinção entre as paisagens naturais e as culturais, sendo que Corrêa (1997, p. 269) acrescenta que o estudo da paisagem para Sauer possui três níveis básicos de análise: reconstrução da paisagem física antes do homem, reconstrução da paisagem durante a ocupação e mudanças maiores que se verificam na paisagem cultural. Essas tentativas de reconstrução da paisagem é que vão impulsionar seus trabalhos de geografia histórica, ligados intimamente com a geografia cultural.

Finalmente, Sauer admite o desenvolvimento da paisagem nas etapas de origem, clímax e morte. Mas, a paisagem pode rejuvenescer pela inserção de novos elementos culturais. No entanto, a cultura sempre aparece unida à técnica na geografia cultural saueriana. E é justamente essa ênfase nas técnicas que oferecerá uma crítica ao determinismo. O homem, através do trabalho e da técnica é capaz de neutralizar intempéries do meio ambiente. Essa idéia também servirá para os outros geógrafos como veremos abaixo.

### **Hartshorne e a recusa da paisagem**

Partiremos agora para a análise crítica feita por Hartshorne. Utilizaremos principalmente seu texto intitulado “Propósitos e Natureza da Geografia” (HARTSHORNE, 1978) publicado originalmente em 1959, obra em que reavalia e atenua seus balanços críticos feitos aos geógrafos do passado. Outra ruptura importante que marca essa obra é o fato de admitir que a geografia é uma ciência nomotética e não apenas ideográfica.

De uma maneira geral, a obra de Hartshorne recupera o pensamento de Ritter, sobre a dialética das partes e do todo em geografia, com as contribuições feitas por Richthofen e A. Hettner à corologia. Acerca da paisagem, logo no início de sua obra, Hartshorne já nos mostra receio no emprego da palavra devido ao seu sentido dúbio no idioma alemão e das dificuldades de tradução para o inglês. O sentido ambíguo se dá porque a palavra original no alemão tem ao mesmo tempo o sentido de paisagem e de região.

Devido a esta grande confusão, o autor prefere utilizar-se da palavra “área”, deixando o termo “paisagem” de lado. Porém, faz uma série de críticas ao modelo de paisagem natural/cultural, sem romper drasticamente com alguns pontos desenvolvidos dentro da idéia do conceito de paisagem. Cremos que a palavra “paisagem” para Sauer possui um valor corográfico muito próximo da área para Richard Hartshorne. Portanto, fica claro que em toda sua obra, Hartshorne não procura uma redefinição estrita do conceito de paisagem, mas abre mão de seu debate devido à pluralidade de noções e idéias vinculadas ao termo. A área surge como uma noção nova e mais simples na tradição geográfica, disponível para ser anexada às novas idéias e concepções sobre a superfície terrestre, ao contrário da paisagem, supostamente cheia de contradições. Por estes motivos, cremos que o trabalho de Hartshorne é muito importante para o desenvolvimento de paisagem. Isto porque o autor aborda profundamente a questão da diferenciação de áreas, além de questionar o modelo paisagem natural/cultural e fornecer contribuições para se pensar a região e regionalização, conceitos que estão intimamente ligados à paisagem como vimos acima. Ou seja, paisagem e área têm um valor corográfico muito próximo. Hartshorne, no entanto admite que a superfície terrestre é o objeto da geografia e se estende longamente para definir o que constitui realmente a superfície terrestre. Ao final, conclui que o homem é a medida da geografia, ou seja, os trabalhos de geografia se centram na ocupação e transformação humana da superfície terrestre.

Sua crítica principal repousa na divisão entre natural e cultura e outras separações em voga na época como biosfera, hidrosfera, entre outras (1978, p. 24-25). Hartshorne prefere adotar os níveis – inorgânico, orgânico e social – que estão intimamente ligados em escala de complexidade. A ordem de análise segue esses níveis de complexidade, partido do natural para o social. Juntamente com esse ponto de vista a diferenciação de áreas se faz essencialmente pela descrição e comparação dos fenômenos geográficos.

Hartshorne propõe a idéia que as ligações entre o homem e a natureza são tão íntimas que não podem ser desfeitas. Ao invés dessa preocupação, o que se deveria fazer no sistema teórico proposto por Hartshorne é reduzir a área em elementos simples, facilmente identificáveis, que possuem um certo grau de relação (HARTSHORNE, 1978, p. 54).

Por meio do estudo dos lugares é possível estabelecer o método comparativo que busca contrastar as semelhanças e dissimilaridades entre o que foi observado. Essas variações podem ter maior ou menor importância, de acordo com os objetivos da pesquisa. Hartshorne indica então que seria possível fazer uma classificação de regiões, e se poderia também selecionar “regiões genéricas” baseadas em conceitos genéricos como clima, relevo ou mesmo os solos (HARTSHORNE, 1978, p.17-19). No entanto, ao estudar os lugares em quando Sauer se preocupa demasiadamente com a morfologia, Hartshorne não quer se limitar à análise de tudo o que é visível e quer compreender realmente a fisiologia e a funcionalidade dos lugares (HARTSHORNE, 1978, p. 20).

Hartshorne versa de forma interessante sobre a multiplicidade de fenômenos que a geografia deve lidar. Portanto, a heterogeneidade dos fenômenos toma sua atenção e é um dos pontos nodais de sua reflexão. Um dos papéis centrais da geografia seria a integração com outros campos da ciência. A busca é por uma síntese regional de caráter sistemático (HARTSHORNE, 1978, p. 29).

Hartshorne demonstra a falta de sucesso em tentar-se estabelecer a paisagem como objeto da geografia. Outrossim nos mostra que este é um conceito ilusório, que não é real e, como a região, não é observável na realidade. Se manifesta aqui um aspecto interessante que remonta as reflexões sobre o espaço, a partir de Kant. O espaço não se referiria exatamente a uma manifestação real, mas sim uma categoria inata da razão, destinada a organizar tudo o que é percebido. Porém, o autor nos indica que mesmo se admitirmos a região como algo concreto, ainda lidaríamos com a pluralidade de fenômenos (HARTSHORNE, 1978, p. 33). Mas, nesse contexto o problema da homogeneidade de uma área ou de uma paisagem não é um bom parâmetro para a delimitação de uma área. A área é fruto do pensamento e do pesquisador, é portanto uma divisão arbitrária, subjetiva e simplificadora (HARTSHORNE, 1978, p. 138).

O que interessa ao geógrafo é notar as combinações entre os fenômenos “*inter-relacionados no mesmo lugar e inter-relacionados através do espaço com os fenômenos de outras áreas*” (HARTSHORNE, 1978, p. 40).

Um outro fato interessante é que Hartshorne já detecta a persistência da metodologia das ciências naturais no seio da geografia. Ele diz que nas abordagens que se encara a geografia como o estudo do homem e seu meio, persistem as idéias das ciências naturais, devido à suposta rigidez científica de seu vocabulário e método. Entretanto, ele acusa essas correntes (determinismo, possibilismo e probabilismo, principalmente) de utilizarem termos com sentido dúbio e incerto (HARTSHORNE, 1978, p. 64-65).

Creemos que a crítica de Hartshorne contribuiu com problemas novos a serem pensados, seja sobre os procedimentos da geografia ou sobre as limitações da paisagem. Uma das idéias que dá força à crítica da paisagem é que a geografia não pode se pautar apenas naquilo que é visível, ou obrigatoriamente se atrelar aos aspectos naturais para construir explicações.

### **Sorre e os fundamentos da paisagem humana**

Iremos agora esboçar a perspectiva de análise da paisagem que de certa forma, retoma o debate de Sauer, mas acrescenta novos elementos. Max Sorre nos traz uma perspectiva renovada, que irá abordar a circulação e a mobilidade como importantes variáveis que não podem ser ignoradas pela geografia.

Max Sorre admite que a geografia é uma ciência responsável pela descrição da Terra. Mas, não são todas as suas partes que devem ser preocupação dos geógrafos. São somente os espaços habitados pelos humanos, denominados pelo termo ecúmeno (SORRE, 1967, p. IX).

Além dessa idéia outro elemento chave para compreender sua geografia é a técnica, que faz com que o homem seja capaz de dispensar alguns elementos do reino vegetal e animal, e permite também incorporar na matéria transformada por seu trabalho uma quantidade cada vez maior de inteligência (SORRE, 1967, p. 52). Gradualmente se modificam as formas de produzir e de habitar dos seres humanos. Então sua análise parte das técnicas essenciais da pesca, da caça e de plantações com o objetivo de compreender suas vicissitudes até as técnicas modernas que contém em si uma grande parte de conhecimento científico (SORRE, 1967, p. 52-60). As trocas de técnicas, plantas e animais ocorrem conforme as sociedades criam laços, ou com o avanço das redes de transporte. Transportes, circulação e novas possibilidades técnicas são responsáveis pela unidade do ecúmeno (SORRE, 1967, p. 155). A mobilidade, as

técnicas e os contatos entre sociedades têm primordial importância no processo de transformação das paisagens.

Todos os fatores acima expostos são analisados através do método ecológico. Assim Sorre indica que a paisagem é a expressão fisionômica das relações do homem e seu meio. Porém, ela não é estática, sendo que as transformações ocorrem de tempos em tempos. Entretanto, como se nota, o método ecológico é a principal ferramenta para se analisar a paisagem, sendo utilizada até mesmo para se pensar os fatos sociais. A sua ecologia é entendida como relações recíprocas, em massa e complexas (SANTOS, 2002, p. 36). Todavia, essa abordagem não permanece isolada e se combina com várias perspectivas da geografia, inclusive a corológica (MEGALE, 1984, p. 11-12). Sorre coloca que a geografia é a ciência do espaço terrestre e que seus objetivos gravitam em torno das representações espaciais (SORRE, 1967, p. X). Portanto, a geografia de Sorre abarca as idéias de espaço, da preponderância do homem nos estudos geográficos, a idéia de ecúmeno e o enfoque das relações entre o homem e o meio (ecologia do ambiente e do homem). Mas, sua ecologia engloba uma dimensão histórica, que busca compreender as origens do homem e das formações naturais.

Se a geografia tem um papel descritivo do mundo, a paisagem é um dos elementos centrais desta descrição científica: *“A Geografia humana é uma descrição científica das paisagens humanas e de sua distribuição no Globo. Estas definições se correspondem e complementam”* (SORRE, 1967, p. IX). E nesse sentido, apesar de Sorre ter consciência da unicidade de cada paisagem, pensa que se deve fazer generalizações para que o conhecimento científico se desenvolva. (SORRE, 1967, p. 229). É por meio do conceito de paisagem que Sorre pretende reafirmar ou estabelecer o de região com uma maior precisão (SORRE, 1967, p. 230).

No que diz respeito ao foco nas ações do homem, o autor nos mostra que o drama da condição humana está pautado no conflito entre a vontade organizada e a inércia dos objetos, sejam eles naturais, sejam fruto de um trabalho precedente. Assim, meios geográficos diferentes impõem suas marcas nas sociedades, que por sua vez não reagem de forma idêntica aos problemas impostos, da mesma maneira que não evoluem de forma semelhante.

Contudo, a sua descrição recorre freqüentemente para contribuições históricas, para explicar como ocorrem as transmissões dos avanços técnicos, a formação das paisagens rurais, seguidas das industriais e das grandes cidades, expressões máximas das relações sociais e das paisagens humanas (SORRE, 1967, p. XIII). Sendo assim, a



gênese da paisagem se mostra importante, pois Sorre nos mostra que tradicionalmente os geógrafos se dedicaram durante muito tempo somente à imagem atual da paisagem. A análise histórica tenta explicar o processo de formação do ecúmeno e das raças humanas (SORRE, 1967, p. 3, 4 e 10).

Um outro aspecto importante de sua geografia que deve ser compreendido é a presença das conexões e de conjuntos. Existe uma interdependência entre todos os pontos do ecúmeno. Essa interdependência se manifesta através do princípio de localização. Assim sendo, a localização e a síntese de cada região ou lugar devem ser auxiliadas pelas ciências humanas para a investigação do tecido do ecúmeno, se constituindo desta forma o tema principal da geografia humana (SORRE, 1967, p. X). Dentro da geografia humana, Sorre quer compreender o homem em sua unidade, englobando as suas contradições (SORRE, 1967, p. XI). Além das idéias de conexões e conjuntos oriundos do arcabouço da geografia francesa, aparece na obra de Sorre algumas vezes a noção de complexo geográfico. A paisagem neste esquema de idéias é tratada como um complexo. Essa noção engloba um conjunto de variáveis determinadas com o objetivo de se analisar uma certa área ou formação espacial. (SORRE, 1967, p. 133).

Mas na análise da paisagem cada tipo de atividade humana resulta em uma paisagem diferente, e essas ações humanas estão relacionadas diretamente com as diversas técnicas de cada grupo, que remetem por sua vez à noção de gênero de vida. No decorrer da obra de Sorre, sua idéia sobre o gênero de vida vai se modificando, até o momento em que o autor consegue notar que existe uma certa inadequação do conceito com relação à realidade. Portanto em um primeiro momento, Sorre nos diz que toda paisagem humana é a expressão de um gênero de vida, que está acompanhado por um conjunto de técnicas, que por sua vez visam geralmente subjugar as forças do meio (SORRE, 1967, p. 228). Com o passar dos anos, a noção de gênero de vida passa a ser mais “adaptativa” do que “subjulgadora” da natureza. Até o momento, em que Sorre mostra que em determinadas situações a sociedade tem mais influencia na composição do gênero de vida. Assim, põe em suspensão o gênero de vida, pois pensa que nas grandes cidades o valor eminentemente social das relações humanas tem mais peso na sua intermediação com o meio-ambiente. Não é mais possível abarcar a totalidade das atividades humanas, através do gênero de vida, devido aos enormes fluxos e quantidade de trabalho desempenhada pela sociedade moderna (SORRE, 2002, p. 15-17).

Da maneira similar a Sauer, a referência às técnicas se encaixa na obra de Sorre como um elemento para desconstruir as idéias do determinismo geográfico (SORRE, 1967, p. XII). Ao mesmo tempo em que a técnica modifica o ambiente deve se adaptar as suas exigências. Recria-se o meio a cada instante, o que significa que nos recriamos também, pois estamos submetidos a ele (SORRE, 1967, p. X).

Suas reflexões sobre a técnicas e os diferentes estados das paisagens humanas fazem com que Sorre reflita sobre o conceito de paisagem, de forma a criar um sistema classificatório. Ele não se preocupa com as paisagens dotadas de individualidade quer, na verdade, estabelecer os traços gerais das paisagens humanas por todo o mundo (SORRE, 1967, p. 225). Portanto Sorre possui uma certa aspiração por constituir uma totalidade, ou um conjunto de explicações de determinados aspectos que atinja um plano mais geral. Sendo assim as paisagens humanas são definidas:

*“por suas qualidades concretas, suas formas e cores, sua posição e sua área de extensão. Podemos compreender assim, até que ponto estas duas noções, a de paisagem e a de região, estão ligadas na mente do geógrafo. No espaço ocupado entra a definição de paisagem, e a paisagem é característica de uma porção determinada do espaço geográfico cuja idéia não se reduz à concepção de uma rede geodésica. Isto não ocorre se estamos sensíveis somente por seus atributos concretos. A força deste vínculo é tal, que o alemão não as dissocia das idéias expressadas por uma mesma palavra: Landshaft. Esta confusão não carece de inconvenientes”* (SORRE, 1967, p. 225).

Como vemos, a polêmica relação entre o conceito de paisagem e região está posta na obra de Sorre. Sinteticamente pode-se dizer que Sorre definiu a paisagem como a extensão de uma paisagem, o que denota a íntima relação entre os dois conceitos e uma certa opção por diferenciá-los de forma tênue, sem que haja uma drástica separação e distanciamento entre as duas idéias. Sorre utiliza a idéia de Sauer de paisagem natural e cultural, corroborando não com um sistema de análise dual. Como para Sauer, Sorre também dá importância à variável tempo, mas avança colocando a idéia de ritmo nas suas análises.

Sorre indica quais são as variáveis relevantes acerca da paisagem humana. A intensidade da ocupação do solo e a continuidade da presença humana são dois dos elementos mais importantes. Essa intensidade se manifesta pela densidade populacional

e sua relação com a superfície ocupada. Mas Sorre nos adverte que não se deve ignorar as continuidades e descontinuidades da ocupação (SORRE, 1967, p. 226-227).

A paisagem é então tratada como um complexo e não devemos nos focar somente nas técnicas elementares ou tradicionais de determinado povo, que estão diretamente ligada ao seu gênero de vida. Devemos na opinião de Sorre extrapolar esses limites e compreender o movimento de articulação entre as paisagens tradicionais e as modernas (SORRE, 1967, p. 228).

Concomitantemente à modernização temos o surgimento das paisagens derivadas, que indicam a transferência de algumas paisagens, em vastas extensões, sem que, no entanto, desapareçam alguns traços característicos dos lugares originalmente colonizados. Elas estão vinculadas à colonização, mas o grupo nativo, com o passar do tempo, pode ser gerador de certa originalidade (SORRE, 1967, p. 274).

Finalmente, a idéia lançada por Sauer de paisagem natural/cultural persiste no esquema de análise, bem como alguns temas de pesquisa e a idéia de estrutura/complexo constituído de paisagens.

### **Monbeig e os complexos geográficos**

Analisaremos agora as reflexões de Pierre Monbeig acerca da paisagem. Esse geógrafo considera o estudo da paisagem como o primeiro passo de seu processo de construção do conhecimento. A partir da descrição e dos dados colhidos das observações de paisagens, Monbeig nos diz que é possível averiguar a magnitude e estado de um complexo geográfico, que envolve uma série de variáveis, fenômenos e principalmente fatos geográficos.

Pierre Monbeig é quem nos oferece a perspectiva de paisagem como matéria-prima dos trabalhos geográficos. Aliás, esse autor admite “*que o campo de estudos do geógrafo é a paisagem*” (MONBEIG, 1940, p. 13).

E ainda acrescenta: “*desde um século a ciência geográfica constituiu seu domínio particular, campo de trabalho que lhe pertence com exclusividade e que é precisamente a paisagem*” (MONBEIG, 1940, p. 250). A ênfase no estudo da paisagem é presente em toda sua obra. Ele nos indica que é somente no início do século XX que a paisagem deixa de ser privilégio dos literatos e ganha o “*direito acadêmico*” (MONBEIG, 1940, p. 250). Entretanto, talvez, essa afirmação possa ser

problematizada, se levarmos em conta os avanços realizados pelos estudos da paisagem de Humboldt e outros geógrafos do século XIX.

É o caráter total da análise que autoriza o geógrafo a reclamar a paisagem como seu objeto exclusivo de estudo, frente às outras ciências. Assim, a partir da análise e compreensão das paisagens, podemos identificar o complexo geográfico, como indicamos, e para isso “*cabe lhe estudar fatos mui diversos e não raro penetrar muito longe no passado*” (MONBEIG, 1940, p. 13). Nota-se então o estabelecimento de uma ligação com a história, porém, sua geografia realiza trocas também com outras disciplinas. Portanto, ela faz incursões em conjunto com outras ciências (as citadas pelo autor são: biologia, história, botânica, etnografia e econômica política) a fim de organizar uma leitura complexa da realidade estudada, para que assim se possa formular as sínteses geográficas.

Porém essa síntese proposta deve ser modesta, segundo a opinião de Monbeig, e a geografia deve antes de mais nada descrever. Talvez haja, pelo menos em um momento inicial de sua carreira, uma esquiva dos debates e questões metodológicas. Quando se refere ao método do geógrafo reflete: “*seu método? Nenhuma teoria o mostrará melhor do que a prática*” (MONBEIG, 1940, p. 17).

Ab’Sáber (1994, p. 228) indica a clara influência da geografia norte-americana na obra de Monbeig: “*enfatizava a importância da obra Carl Sauer, Preston James e Clarence Jones*”. Além destes autores, deve-se ressaltar as contribuições de Roger Dion e Jules Sion, principalmente na fase de inicial de seus trabalhos, na qual Monbeig se debruçou sobre as frentes pioneiras (SALGUEIRO, 2006, p. 95-100). Outras influências importantes na obra de Monbeig, são as “combinações” de Cholley e a obra de seu orientador Demangeon. Sorre também é um geógrafo citado no conjunto da obra de Monbeig.

Entretanto o conceito de paisagem para Monbeig não abandona as idéias de paisagem natural/cultural. As paisagens portadoras dos recentes avanços tecnológicos ou as paisagens humanizadas de uma forma geral, “*mostram em essência a ação do homem sobre a paisagem natural*” (MONBEIG, 1940, p. 235). Em outro trecho que aborda a questão das renovações tecnológicas aponta que “*a mudança da paisagem natural e cultural é profunda*” (MONBEIG, 1940, p. 75). Como vemos, o termo paisagem natural/cultural persiste em sua obra, como forma de delimitar as paisagens geográficas. Uma outra divisão clara é binômio das paisagens rurais e urbanas, utilizadas para estudar o estabelecimento das frentes pioneiras de ocupação e a

formação e crescimento das cidades. O autor também menciona o termo paisagens mortas e paisagens inacabadas, para as tentativas de ocupação que malograram ou para as frentes pioneiras criadas recentemente.

Os elementos subjetivos da paisagem são os que os geógrafos têm menos consciência, e são justamente os que os artistas nos revelam. Por isso, na visão de Monbeig, não deve existir uma rígida divisão entre os trabalhos intelectuais (MONBEIG, 1940, p.225-226). A descrição da paisagem deve ser literária sem que caia na literatura (MONBEIG, 1940, p. 229). As representações artísticas representam o processo de transição entre a paisagem natural para paisagem construída “*reflexo da técnica, da riqueza, da civilização*” (MONBEIG, 1940, p. 234).

Com as técnicas, a ação do homem se torna tão poderosa frente à natureza que o trabalho humano é capaz de criar paisagens naturais que são na verdade simulacros da verdadeira natureza, e nos fazem esquecer de sua verdadeira estética (MONBEIG, 1940, p. 236-237).

A paisagem é encarada então como o espelho de uma civilização, ou seja, das técnicas e das mentalidades de determinado período. Portanto, como se percebe existe uma variável psicológica que está inserida no processo de constituição da paisagem. Silva (2002, p. 71) nos aponta que: “*os modos de pensar e os modos de vida caminham juntos, portanto devem ser estudados como um par*”. Além disso, a análise das paisagens passadas, através das pinturas de arte, por exemplo, podem nos revelar essas mesmas variáveis indicadas, ou seja, o nível técnico e a mentalidade de cada época ou povo (MONBEIG, 1940, p. 239).

Pode-se notar que a paisagem e os costumes dos povos nos permitem também, com pouco mais de dificuldade, detectar a forma de organização política de certas sociedades (MONBEIG, 1940, p. 241). Sobre do processo de cercamento dos campos ingleses, mola propulsora do capitalismo industrial, nos diz que se compararmos as paisagens antes e depois do evento histórico temos “*dois períodos da história do povo inglês, dois tipos de paisagens culturais*” (MONBEIG, 1940, p. 241).

Monbeig propõe tipologias de classificação de paisagem de acordo com os continentes, pois afirma que as paisagens européias são historicamente mais densas, no que diz respeito à população. Nesse continente os homens tiveram milênios para modelar suas paisagens e sobrepujar as forças da natureza e assim “*criar paisagens de civilização*” (MONBEIG, 1940, p. 244). Indica a existência de atores que direcionam, ou tem alto grau de influência nos rumos das novas paisagens e sociedades

(MONBEIG, 1940, p. 245). É justamente essa noção de atores sociais que vai conferir à geografia a possibilidade de analisar uma sociedade em movimento, preconizando assim aquilo que mais tarde seria chamado de lógica dos atores (SALGUEIRO, 2006, p. 112).

A técnica é portanto, o fator que ajuda o homem a se adaptar às dificuldades do meio, contornando os obstáculos impostos pelo clima, relevo, vegetação, etc. Assim, inspirado novamente nas suas observações no Brasil, Monbeig estabelece uma seqüência de paisagens acerca da ocupação humana nas zonas pioneiras, que pode ser generalizada para as demais ocupações humanas.

Para além das paisagens, é muito importante que o geógrafo saiba identificar e analisar os fatos geográficos. Ao se referir a eles, Monbeig nos mostra que a mera existência dos fenômenos não contempla a explicação geográfica. Devemos atentar para o movimento da sociedade. Nas palavras do autor: “*procurará o conjunto de fenômenos, (...) e os laços que os unem e fazem deles um todo vivo*” (Monbeig, 1957, p. 9). Os fatos geográficos não são, portanto, mera enumeração ou constatação de elementos estáticos, ou somente objetos concretos. Os fatos geográficos têm uma relevância social e estão inseridos na dinâmica de funcionamento da sociedade. Sendo assim, é a soma e inter-relações dos fatos geográficos que vão constituir um complexo. Nota-se então, ressaltado pelo autor, a íntima ligação entre meio natural e humano. O complexo, por sua vez, está ligado com a paisagem:

*“Este [o complexo] se exprime antes de tudo na paisagem, a qual, formada una e indissolúvelmente pelos elementos naturais e pelos trabalhos dos homens, é a representação concreta do complexo geográfico. Por esta razão, o estudo da paisagem constitui a essência da pesquisa geográfica. Mas é absolutamente indispensável que o geógrafo não se limite à análise do cenário, à apreensão do concreto. A paisagem não exterioriza todos os elementos constituintes do complexo. Nem sempre nela se encontrarão expressos com clareza os modos de pensar, as estruturas financeiras que são, entretanto, parcelas apreciáveis do complexo geográfico. Outro perigo – a limitação do campo de estudo geográfico à paisagem ameaça levar o pesquisador ao recurso exclusivo da descrição. Este olha, observa minuciosamente e com perfeito espírito científico, mas tende a esquecer o essencial: a explicação. (...) A paisagem é um ponto de partida, mas não um fim. Resulta do complexo geográfico, sem confundir com ele”* (MONBEIG, 1957, p. 11).

Não podemos ficar atrelados à descrição *tout court*, mas buscar explicações a partir da observação dessa manifestação do concreto, que nos oferece, uma parte ou um aspecto importante do complexo geográfico. A mera observação dos fatos geográficos isolados não interessa à geografia, e é somente por meio da identificação das relações que será possível estabelecer e delimitar as regiões (MONBEIG, 1957, p. 12).

Para este autor, os estudos de geografia devem gravitar ao redor do homem, ou seja, ele é o centro de suas preocupações (MONBEIG, 1957, p. 17). E após a descrição das paisagens, o geógrafo deve partir para a explicação e depois para compreensão. O que quer dizer que se deve explicar aquilo que foi descrito e depois se compreender o funcionamento do conjunto. Portanto, o estabelecimento de um complexo geográfico encaminha a um *todo uno*, formado pelas diversas relações estabelecidas no escopo do que foi observado. Nas palavras do autor o geógrafo “*deve reunir todos os fatos por ele desenrolados, procurando toma-los em conjunto, como uma unidade*” (MONBEIG, 1957, p. 14). Podemos então resumir os processos de sua geografia em descrição, explicação, análise e síntese ou compreensão, sendo que no último passo devemos nos dedicar a funcionalidade das relações identificadas. Esta sua metodologia é vinculada com as idéias da Escola de Chicago, utilizando-se de uma ecologia interativa, principalmente nos estudos sobre o urbano (AB’SÁBER, 1994, p. 227-228).

Como vimos anteriormente, Monbeig muito provavelmente teve acesso à obra de C. Sauer, e é interessante notar como o conceito de complexo geográfico tem uma conotação próxima daquilo que Sauer chamou de estruturas da paisagem.

### **Considerações Finais**

Como pudemos observar as contribuições de Sauer, Sorre e Monbeig se tocam em vários aspectos. O objetivo de fazer uma análise totalizante da paisagem, o uso da técnica como subterfúgio contra o determinismo ambiental, a síntese dos conteúdos da paisagem através da idéia de complexo ou estrutura e o uso da divisão paisagem natural/cultural. Hartshorne, aparece como uma voz solitária, que apesar de refutar a idéia de paisagem agrega em sua obra vários aspectos semelhantes à geografia de Sauer. A preocupação corológica, a busca por leis gerais e o enfoque em uma geografia regional.

No entanto, nos parece que sua crítica não é muito pertinente. Isso porque apesar dos geógrafos que utilizam a paisagem utilizaram amplamente a morfologia e o estudo das formas, eles não se esquivam de compreender a funcionalidade das paisagens. Portanto, de um lado há uma preocupação com a fisiologia natural da paisagem e de outro com o funcionamento próprio da sociedade. Por isso a persistência do método ecológico, presente com grande força na obra de Sauer, Sorre e Monbeig. A técnica entra nesse esquema como uma espécie de intermediador entre homens e meio-ambiente. Além disso, todos os geógrafos têm a plena consciência de que a paisagem é a aparência do fenômeno, coloca muitas vezes como sua manifestação concreta. O que vai de choque com a concepção kantiana de espaço na obra de Hartshorne.

Queremos ressaltar ainda a direção semelhante que todos os geógrafos caminham que é a de renovar a geografia preocupando-se com novos fenômenos e novos procedimentos metodológicos. No entanto, após e durante o ápice dos debates sobre as obras de Sauer, Sorre e Monbeig não houve na geografia nenhum debate amplo sobre as limitações do método ecológico na geografia. Quais suas distorções, suas vantagens, o que revela e o que eventualmente oculta. Isso aconteceu em outras ciências sociais e marcou rupturas importantes, como na antropologia, por exemplo.

Com a reafirmação da nova geografia e da geografia crítica como paradigmas hegemônicos no campo disciplinar na geografia a paisagem, principalmente na geografia humana, cai em esquecimento e só será retomada novamente na virada do século. Curiosamente as concepções de Sauer sobre paisagem apresentadas no início do século XX não foram importantes somente para Sorre e Monbeig, elas continuam sendo umas das principais referências para se discutir paisagem ainda hoje. Isso demonstra um relativo atraso de um lado, mas de outro temos que considerar que as discussões sobre a paisagem foram equivalentes, ou deram alguns subsídios para o futuro debate sobre o espaço. A paisagem, esse protoespaço foi finalmente substituído pelo espaço propriamente dito que remete a essência dos fenômenos e não somente a sua aparência.

Pensamos que Hartshorne tem razão, o esquema dual das paisagens acaba por separar em duas categorias elementos inseparáveis. Não seria interessante avançar ainda mais nesse debate utilizando a original idéia de hibridez como propõe Bruno Latour (1994)? Os híbridos supõem que não exista um processo de separação (nas palavras do autor purificação) do objeto de estudo, entre o que é natural e o que cultural.

### **Bibliografia citada**



AB'SÁBER, A. "Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo" In *Revista de estudos avançados*, São Paulo, vol. 8, nº 22, p. 221-232, 1994.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HARTSHORNE, R. *Propósitos e Natureza da Geografia*. São Paulo: Editora Hucitec e Editora da USP, 1978.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MCDOWELL, Linda. "A transformação da Geografia Cultural" In Derek GREGORY, Ron MARTIN, Graham SMITH (org.). *Geografia Humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.159-188, 1996.

MEGALE, J. (org.). *Max Sorre*. São Paulo: Editora Ática, 1984.

MONBEIG, P. *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1957.

\_\_\_\_\_, P. *Ensaio de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

SALGUEIRO, Heliana A. (org). *Pierre Monbeig e a Geografia Humana Brasileira, a dinâmica da transformação*. Bauru: EDUSC, 2005.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Edusp, 2002.

SAUER, C. O. "Desenvolvimentos recentes em Geografia Cultural" In CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.) *Geografia cultural (1)*. EdUERJ, Rio de Janeiro, p. 4-99, 2004.

\_\_\_\_\_, C. O. “Morphology of Landscape” in LEIGHTY, J. (ed.) *Land and life*. Berkeley: University of California Press, p. 315-350, 1963.

SILVA, Aldo A. Dantas da. “Monbeig, paisagem e geografia estigmática” In *Mercator-Revista de Geografia da UFC*, (s.l.), ano 01, n° 02, p. 71-78, 2002.

SORRE, Max. “A noção de gênero de vida e seu valor atual” In CORRÊA, R L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: Um século (3)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 15-63, 2002.

\_\_\_\_\_, Max. *El hombre en la tierra*. Barcelona: Editorial Labor, 1967.